

O RESGATE DA MEMÓRIA COLETIVA EM LAMBÕES DE CAÇAROLA, DE JOÃO ANTÔNIO

Luciana Cristina CORRÊA

(Universidade Estadual Paulista – UNESP/FAPESP)

lucricorrea@gmail.com

Resumo: O presente estudo investiga a (des)construção de alguns mitos nacionais históricos, entre eles, o presidente brasileiro Getúlio Vargas, no texto do escritor João Antônio (1937-1996), intitulado *Lambões de Caçarola: Trabalhadores do Brasil* (1977). Através da leitura da narrativa vemos que o presidente Vargas é transposto para as páginas do texto através das lembranças de um narrador autobiográfico que rememora de forma paródica o momento getulista e sua repercussão para a população marginalizada da periferia da cidade de São Paulo, local onde o autor passou os anos da infância. Diante dessa premissa, destacamos que o escritor procura, por meio do recurso da paródia, recuperar a memória coletiva brasileira, porém de uma forma peculiar, pois acaba por desconstruir a história oficial, no intuito de instigar nos leitores o questionamento sobre a própria construção da identidade nacional brasileira.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; João Antônio; personagem; desconstrução histórica.

Após um longo período de pesquisas sobre a literatura do brasileiro João Antônio, mais especificamente, no que se refere à complexidade atribuída aos seus personagens e tendo em vista o êxito dos trabalhos resultantes¹, que nos é permitido verificar mais uma particularidade narrativa do autor, através de uma análise mais aprofundada da sua criação literária sob o viés político, porém de uma forma peculiar, pois trata-se de uma (re)leitura ou (des)construção paródica de uma das personalidades mais polêmicas da história política brasileira.

Referimo-nos ao livro *Lambões de Caçarola* (1977), no qual o autor transporta a figura do presidente Getúlio Vargas para as páginas do texto através das lembranças de um narrador autobiográfico que rememora o momento getulista e sua repercussão para a população brasileira marginalizada da periferia da cidade de São Paulo, local onde o autor passou os anos da infância, mais precisamente no chamado Beco da Onça, em Vila Pompéia.

De origem portuguesa, a família de João Antônio instala-se na periferia paulistana do Beco da Onça que é “getulista, negro, negróide, mestiço, emigrante, cafuso, mameluco, migrante, pobre, operário, corintiano roxo e paulista da gema” (ANTÔNIO, 1977). E é através dessas lembranças pueris que resulta a narrativa cujo tema “procura recriar talvez a época mais importante deste país de pouca memória, uma visão do pé para a cabeça”, nas palavras de Josué Guimarães (1977), ou seja, numa abordagem narrativa em que notamos claramente a

¹ O contato com a produção artística do escritor brasileiro João Antônio tornou-se possível através da chegada do seu Acervo pessoal à UNESP, campus de Assis/SP, em 1997. O acesso direto aos seus textos e o posterior conhecimento de sua fortuna crítica foram elementos fundamentais que favoreceram a execução das pesquisas de Mestrado e de Doutorado, ambas referentes à construção de seus personagens e o que eles representam para a cultura popular brasileira.

(des)construção paródica do mito histórico do presidente Getúlio Vargas. Sob este aspecto, destacamos um excerto da narrativa:

Era o barbeiro de Getúlio e sua vida ia bem. Sem falhar um dia, nas manhãs, as sete horas, barbeava o presidente, agora acariocado de tudo. Vestia terno branco, linho cento e vinte. De charuto nos dedos. Óculos. Barrigudinho, muito limpo. Elegante, na sua elegância. Mas elegante, além do sorriso. A boa figura. Uma manhã, Gegê aparece de bom humor dobrado. Sem pressa, estende um oferecimento, depois de várias perguntas: Mas você não precisa de nada? De um emprego público? A vida de barbeiro vai nos trilhos. Ganha que dá, tem certas imunidades. Mas o presidente insiste, há uma tensão. É preciso pedir. Pensa, repensa, no clima dos sorrisos. Joga: __ Fiscal da Fazenda. O ditador pede papel e nomeia, decretando da cadeira de barbeiro, federalmente. A partir daquele momento, fiscal da Fazenda. Com uma obrigação. Fazer a barba presidencial todas as manhãs as sete em ponto (ANTÔNIO,1977).

O narrador descreve, acima, o momento da paródica nomeação do barbeiro de Getúlio Vargas como Fiscal da Fazenda, numa forma de expor a banalização com que eram considerados os cargos públicos, normalmente ocupados por bacharéis em Direito ou Economia.

No texto de João Antônio, porém, a cena incomum (se pensarmos na formalidade dessas cerimônias de posses) acentua a (des)construção da figura mítica do presidente por meio da carnavalização, no sentido bakhtiniano, pois o mesmo se encontra sentado numa cadeira de barbeiro, ao invés de estar em seu gabinete presidencial. Poderíamos, através desta imagem, confirmar a predileção de Getúlio por formar ministérios com a participação de todas as correntes políticas e com a colaboração de todos e, neste caso, parodicamente, poderíamos somar até a colaboração do seu barbeiro.

E, como se não bastasse a cômica nomeação do barbeiro, num outro fragmento da narrativa, o narrador ainda revela a tentativa do presidente em distribuir mais uma função pública, independentemente da qualificação do candidato. Ironicamente prossegue:

Segue, o tempo segue. De novo, uma manhã de bom humor na vida de Getúlio. Já Fiscal da Fazenda, sempre barbeiro, o da navalha ouve nova oferta polpuda. Pedisse. O que viesse à telha [...]. Getúlio insiste como um pai. O barbeiro justifica o não. Getúlio fecha o cerco, o sorriso do velho [...]. __ Mas você não tem nenhum amigo que esteja mal de vida? O barbeiro, depois de fiscal, já não tem amigos mal de vida. Busca, rebusca alguém necessitado. Lá no fundo do poço, a figura de um imbecil, um estúpido, um tal Manoel Floriano [...]. __ Manoel Floriano é um animal. Sofre de coice recolhido. Trata-se de uma besta [...]. Então, por que não atirar o coitado naquele jogo? Da cadeira de barbeiro, Presidente Getúlio nomeia um novo fiscal de Renda (ANTÔNIO,1977).

Cumpramos ressaltar que, na narrativa, a rememoração histórica aparece sob a forma de lembranças da infância do narrador, em Vila Pompéia, na cidade de São Paulo e a dessacralização do mito getulista acontece de uma maneira clara e a paródia apresenta-se sutil. Podemos até constatar a presença do humor num outro trecho da obra, no qual as reminiscências soam de forma irônica na voz do narrador, hoje adulto e consciente do caráter populista do “pai dos trabalhadores”:

Gegê, protetor, cheio da moral, pai dos pequenos. Boatavam exemplos. Governava sem nunca ter saído do País. Não fez uma viagem ao estrangeiro. Um homem que pensava primeiro nos trabalhadores e corrigia excessos. E, depois, aquela malemolência jogada, estirada, picardia sestrosa, ô tino, envolvimento. Saber-fazer, borogodó! *Aquilo nos ganhava. Passava açúcar, um alívio, sei lá. A gente sofria, pelevava, teimava. Acabávamos sorrindo, esvaziados, leves, se entregando. Como um bando de sem-vergonhas:*

___ Calma que o Brasil é nosso.
Pegávamos fila, gramávamos. E bem. *Mas a gente do Beco da Onça ganhou um cala-a-boca.* Um fichas cor-de-rosa salvavam os mantimentos de maior necessidade – o óleo, o açúcar, o querosene, a comida principal. *Havia carestia. Acreditávamos não houvesse falta. Para a gente, as fichas de racionamento eram um livra-cara* (ANTÔNIO,1977). *Grifos nossos*

Os períodos em destaque acima denotam a presença da ironia como recurso estilístico no texto do escritor João Antônio, na tentativa de reconstrução da figura populista do presidente Getúlio Vargas.

Nas palavras do narrador podemos identificar “a manifestação da crença do povo em uma pessoa que, do alto de seu poder, lhe dirigia suas atenções, sua palavra, o seu ânimo, mesmo que ilusórios, coisa que o pessoal do Beco nunca entendeu, e por isto era feliz”, como pontua o jornalista Eduardo Sérgio Balduino, num artigo intitulado “João Antônio, poeta do povo, dos bordéis da vida”, publicado no *Jornal da Bahia*, em 1978.

Os moradores eram felizes porque desconheciam os reais motivos da miséria em que viviam, afinal, “o sorriso do velhinho estava acima dessa historiada. Agüenta[vam] **black-out**, desemprego, gasogênio, racionamento e a molecadinha fuçava o chão com a língua para lambar o açúcar caído. Muitos [eram] os culpados pela carestia. Getúlio, não” (ANTÔNIO,1977).

Através das palavras do narrador podemos afirmar que a passagem de Getúlio Vargas pelo Beco da Onça, aconteceu de forma que seus moradores não acreditavam tratar-se da figura de um ditador, porém o elegeram para além do cargo de um Presidente da República. Getúlio também foi “escolhido” como um mito, o qual a parcela da população que mais carecia de atenção, assistência e, sobretudo de um trabalho, se identificou com a voz que lhes chamava costumeiramente como “Trabalhadores do Brasil”.

O referido chavão era utilizado por Getúlio Vargas ao iniciar os seus pronunciamentos radiofônicos para a população sobre os seus planos governamentais. No texto de João Antônio, porém, a frase adquire uma conotação irônica que acentua a (des)construção do mito getulista como o “pai dos pobres”, dadas as circunstâncias em que se encontra diversas vezes disposta na narrativa. Já de início, o discurso do narrador nos conduz para a ironia entre a frase inicial e a apresentação da realidade dos moradores do Beco da Onça:

___ Trabalhadores do Brasil!

Pé no chão, barriga de fora, nariz moncoso, cabeça despenteada, caras de fome, lombrigada. Aqui no Beco da Onça a molecada negra passa o dia debaixo do sol, na rua de terra. Remexe, apronta e perturba com carrinho de rolemã, papagaio, bola de vidro, bolão. Cada um tem seu tempo. E tem tempo de tudo. Uma misturação. Não havendo troços de brincar, a atração é com algum gato ou cachorro. Os moleques, então, se espojam na terra fofa da beirada da rua (ANTÔNIO,1977).

Sob esta luz, destacamos ainda outro momento no qual podemos identificar a incoerência entre a realidade miserável dos habitantes do subúrbio paulistano e a frase,

utilizada como meio de aproximação com a massa trabalhadora. Nas palavras do narrador os *Lambões* classificam-se como:

Gente que só come carne de galinha aos domingos. Que manda botar meia-sola nos sapatos. Para quem ir ao cinema é um acontecimento. Paga os aluguéis com dificuldade, teme perder os empregos. Uma vez cada seis meses, quem pode, pode. Toma os rumos de um banho de mar na Praia do Gonzaga, em Santos. Viaja perigoso, demorado nos trens da Santos-Jundiaí. Mas acompanha o Corinthians em toda viagem que o clube faz. Tudo getulista.

____ Trabalhadores do Brasil! (ANTÔNIO,1977).

A aproximação com a figura do presidente, nestas condições, dá-se de forma inevitável, pois ao serem identificados como trabalhadores, numa situação adversa como a dos *Lambões de Caçarola*, - carentes de recursos, afetos e imersos na pobreza a ponto de lamber as panelas, como o próprio título da obra sugere - representava esperança de melhoria para estes infortúnios e privações.

As marcas do caráter populista de Getúlio Vargas passaram despercebidas pela população durante o longo período em que ficou no poder, todavia, foram “sugeridas” no texto do autor brasileiro, através do recurso estilístico da paródia, por meio do qual torna-se possível a (des)construção da história oficial e, por conseguinte, do mito getulista, para a formação uma verdadeira identidade nacional com todas as agruras que a compõem.

A ensaísta Marilena Vianna, num ensaio publicado na revista *Veja*, em 09 de novembro de 1977, reafirma que João Antônio (re)constrói, à margem da história oficial, o que representou realmente o fenômeno getulista para o principal personagem do livro: os marginalizados do Beco da Onça que poderíamos até dizer tratar-se de uma metonímia do próprio Brasil. Conforme a ensaísta:

A perspectiva (previsível) de esboçar um quadro compreensivo do processo histórico que tornou possível a ascensão do carisma getulista é deliberadamente recusada e, à margem da história oficial mostra-se o que ele representou para o povo em ilusão e esperança. A personagem principal desse capítulo da nossa história política é a população de um bairro proletário paulista na década de 40. Marginalizada economicamente, consome a mensagem populista com a ingenuidade voraz de “lambões de caçarola” (VIANNA,1977, p.147).

A população brasileira, alheia às estratégias do governo Vargas e embalada pelo som de sua voz e pelo seu discurso populista, assiste as manobras de governo do ditador como se elas fossem favoráveis para as classes populares. Sob esta luz, o jornalista Hélio Silva, no *Suplemento Literário*, de 05 de novembro de 1977, revela o estado de alienação em que a população se encontrava no momento político em questão e, referindo-se mais precisamente aos personagens de João Antônio, confirma a construção do livro como resultado da experiência vivencial do autor:

Para os personagens de João Antônio, só existem o dia a dia brutal, o jogo de futebol, a imagem carismática do *pai dos pobres*, em que acreditam e de quem falam mais do que o próprio Deus. Emprestando-lhe, é claro, seus próprios pensamentos e atribuindo-lhe as ações que praticariam se fossem ele, assim o episódio em que Getúlio Vargas, distribui empregos públicos, e oferece o lugar de fiscal da Fazenda a seu barbeiro. A generosidade de

Vargas nunca chegou ao ponto de oferecer emprego, mas João Antônio não é um historiador nem pesquisa em arquivos, contenta-se em viver no submundo ouvindo seus habitantes (SILVA,1977).

Ao observarmos as palavras do jornalista fica evidente o caráter memorialístico da obra, pois ao referir-se aos personagens do autor paulista e, principalmente, ao revelar que João Antônio aproxima-se da condição dos lambões que descreve nas páginas do livro, o ensaísta revela a intenção do autor que é a de recuperar o espírito de um tempo e de uma coletividade ou, nas palavras da pesquisadora Clara Ornellas,

O narrador procura nos desvãos de sua memória a recuperação do espírito de um tempo; falando de si, ele fala de seus iguais e dos diferentes. As suas dificuldades e problemas são, acima de tudo, os de uma coletividade [...]. As memórias aparentemente pessoais passam a ser grupais e se projetam, com base no singular e concreto do cotidiano, na busca de elementos conjunturais de seu próprio país. A memória individual passa a ser coletiva (ORNELLAS,2004, p.122).

O resgate memorialístico, neste caso, resulta não somente da procura às fontes e documentos oficiais, porém faz-se presente “no discurso [literário] advindo da periferia social em relação à classe dominante, resgatando a polifonia de um tempo e a sua respectiva complexidade” (IDEM).

A busca pelo entendimento da complexidade do fenômeno Getúlio Vargas também se faz uma constante para diversos estudiosos e pesquisadores do assunto e, na ocasião do quinquasésimo aniversário de sua morte, em 2004, a revista *Exame*, numa edição histórica, publica diversos ensaios sobre Getúlio e a sua repercussão para os rumos políticos do Brasil, nos últimos cinquenta anos.

A este respeito, destacamos os pertinentes questionamentos de Antenor Nascimento sobre o mito getulista que, de certa maneira, são também as inquietações do escritor João Antônio, que vivenciou o referido momento histórico e de muitos brasileiros, de um modo geral. Num dado momento do seu texto Nascimento destaca:

Coincidências, mistérios e fetiches sempre acompanham um mito. Poucos enigmas conseguem ser tão interessantes como o de Getúlio. Como explicar que um gaúcho de uma cidade do interior, São Borja, tenha conseguido liquidar em apenas um mês um sistema político consolidado havia mais que 40 anos? Como governou durante 15 anos sem ter um partido político? Como conseguiu voltar à Presidência literalmente nos braços do povo, democraticamente eleito, depois de ter sido expulso do poder? E, talvez o mais interessante, como se manteve tão influente cinco décadas após a sua morte? (NASCIMENTO,2004, p.24).

Algumas respostas poderiam ser dadas para tais perguntas como o fato de Getúlio ter vivido numa época rica em governantes carismáticos e autoritários, principalmente após o término da Primeira Guerra Mundial, momento em que a democracia passou a ser desprezada por estar associada a desordens, greves, e agitações sociais em países que formavam os antigos impérios como o britânico, o germânico, etc.

Nesta ambiência foi profícuo o surgimento de alguns regimes totalitários como os de Stalin, de Mussolini e de Adolf Hitler e, a coincidência de datas e estilos de governo, fez com que o momento de Vargas no poder fosse associado ao Fascismo, mesmo que com algumas ressalvas. Até porque o autoritarismo nestes países trouxe como herança uma marcante ruína

econômica, fato que não aconteceu no Brasil, pois a Era Vargas, mesmo sendo uma ditadura, foi marcada por um considerável desenvolvimento econômico e industrial.

Vale dizer que, mesmo diante de perguntas e respostas que tentam abrandar as inquietações de críticos mais exigentes e demais interessados neste importante momento histórico em questão, nos deparamos ainda com a figura de um mito enigmático para o Brasil e para o povo brasileiro.

Ao final da narrativa, todavia, o narrador de *Lambões* desmascara a ambigüidade que constitui o perfil do presidente para o seu leitor como se intentasse acordá-lo para a realidade sem disfarces e, é neste momento, que identificamos que a dessacralização de Getúlio ocorre de uma forma mais direta e sem circunlóquios:

Deu com uma mão, tirou com as duas. Sorrindo muito e gauchamente: um carioca no fundo. Mordia e soprava. Molhava a ponta do indicador na boca, entendia. Sabia para onde ia o vento. Manipulou os trabalhadores e namorou o fascismo nos quinze anos de ditador. As cadeias cheias. E os aviões davam sumiço em pessoas, descarregavam prisioneiros políticos atirando em alto mar, lá fora. Um manobrista não passando disso – vamos deixar como está para ver como é que fica. Encabrestava jeitosamente e trazia os cavalos na corda curta. E, na volta à presidência, sentiu que o mar de lama era ele mesmo, suas intrigas. Tratou de jogar a culpa e responsabilidade nos outros. Complicou os chegados, filhos, filhas. Virou herói. Marcou o momento de sua morte. A medo e perigo empolou-se num nacionalismo final. Descarte. Pronto: mártir de independência econômica. Nossos exploradores de fora eram auxiliados pelos crápulas da terra. No fim, não podia deixar de ser, useiro e vezeiro, está só. E bem (ANTÔNIO, 1977).

O “pai dos pobres”, como era denominado costumeiramente, carregou na formação do seu perfil como Presidente da República, algumas marcas antagônicas que contribuíram para a construção da sua imagem mítica, culminando numa espécie de consagração à sua figura após o suicídio em 1954 e a divulgação de sua carta-testamento, na qual ele mesmo afirmou que sairia da vida para entrar na história. E realmente entrou.

Conforme o narrador “até as beiradas de 70, seu nome e seu retrato correndo franco. Nos cantos inesperados. Getúlio na gafeira, restaurante [...], barbeiro, farmácia, sapataria antiga, botequim” (IDEM), ou seja, em todo lugar o estadista ainda é lembrado como um ícone de nacionalismo, merecedor de respeito e de admiração pelos brasileiros.

E por fim, na tentativa de uma explicação lógica para a perene popularidade de Vargas, João Antônio lança mão de algumas questões semelhantes às destacadas por Antenor Nascimento, anteriormente expostas e pergunta aos seus leitores “onde [estaria] a chave? A pegada do talento, a matreirice de Getúlio, dos Getúlios? Afinal, nos anos depois da sua morte, gaúchos da fronteira ocuparam a presidência. Alquimia? Onde o borogodó, a chama? E a remandiola?” (IDEM).

São questões atuais ainda nos dias de hoje e que poderíamos, certamente, trazer para o universo extratextual. Qual a explicação para tamanha popularidade de Getúlio Vargas? Esta resultaria da instauração de alguns benefícios aos trabalhadores, somente? “A lei, ora a lei”, como ressalta o narrador diversas vezes no decorrer da obra. O cumprimento desta mesma lei poderia responder ao fascínio da população pelo presidente?

Acreditamos que, no fundo, a massa trabalhadora e, aqui devemos expandir o sentido de “povo” para além das fronteiras do Beco da Onça joãoantoniano, elegeu um mito, uma figura emblemática na qual pudesse se espelhar nos momentos de aflição econômica e, sobretudo, que fosse permitido adorá-lo na esperança de uma melhoria da condição desfavorável em que viviam.

O quadro de Getúlio nas paredes das casas e dos estabelecimentos e, lembrado por João Antônio em seu texto, representava um ícone de adoração e devoção e como um “santo” ele é divinizado e chamado a atender as “preces” dos inúmeros “lambões de caçarola” existentes no país.

A dessacralização desse mito pela população, através da exposição de suas atitudes e posturas governamentais, resultaria numa catástrofe de enormes proporções para o povo que perderia o seu “santo”, assim como perderia também a sua esperança. E, neste caso, a perda da esperança representaria a perda da identidade, pois é esta que faz com que os “trabalhadores do Brasil” caminhem, dia a dia, no sentido oposto às adversidades. Ou como finaliza o narrador de João Antônio, “o sorriso do velhinho faz a gente trabalhar” (IDEM). E a sua “imaculada” e popular figura unia e, por conseguinte, fortalecia a massa trabalhadora no acelerado ritmo de desenvolvimento econômico e industrial que se implantava no país.

Referências Bibliográficas:

- ANTÔNIO, João. *Lambões de Caçarola*: Trabalhadores do Brasil. Porto Alegre: LPM, 1977.
- ANTÔNIO, João. Corpo a corpo com a vida. In: *Malagueta, Perus e Bacanaço & Malhação do Judas Carioca*. São Paulo: Clube do Livro, 1987, p. 314-324.
- BALDUINO, Eduardo Sérgio. João Antônio, poeta do povo, dos bordéis da vida. In: *Jornal da Bahia*. 27/Marc./1978.
- NASCIMENTO, Antenor. Anatomia do líder. *Exame*. Edição Histórica: Getúlio Vargas. n.16. 18/Ago./2004, p.22-47.
- ORNELLAS, Clara Ávila. *O conto na obra de João Antônio*: uma poética da exclusão. São Paulo: USP, 2004, 230f. Tese de Doutorado em Letras.
- SILVA, Hélio. Lambões de Caçarola. In: *Suplemento Literário Minas Gerais*. 05/Nov./1977.
- VIANNA, Marilena. O pai e os pobres. In: *Veja*. 09/Nov./1977. p.147.